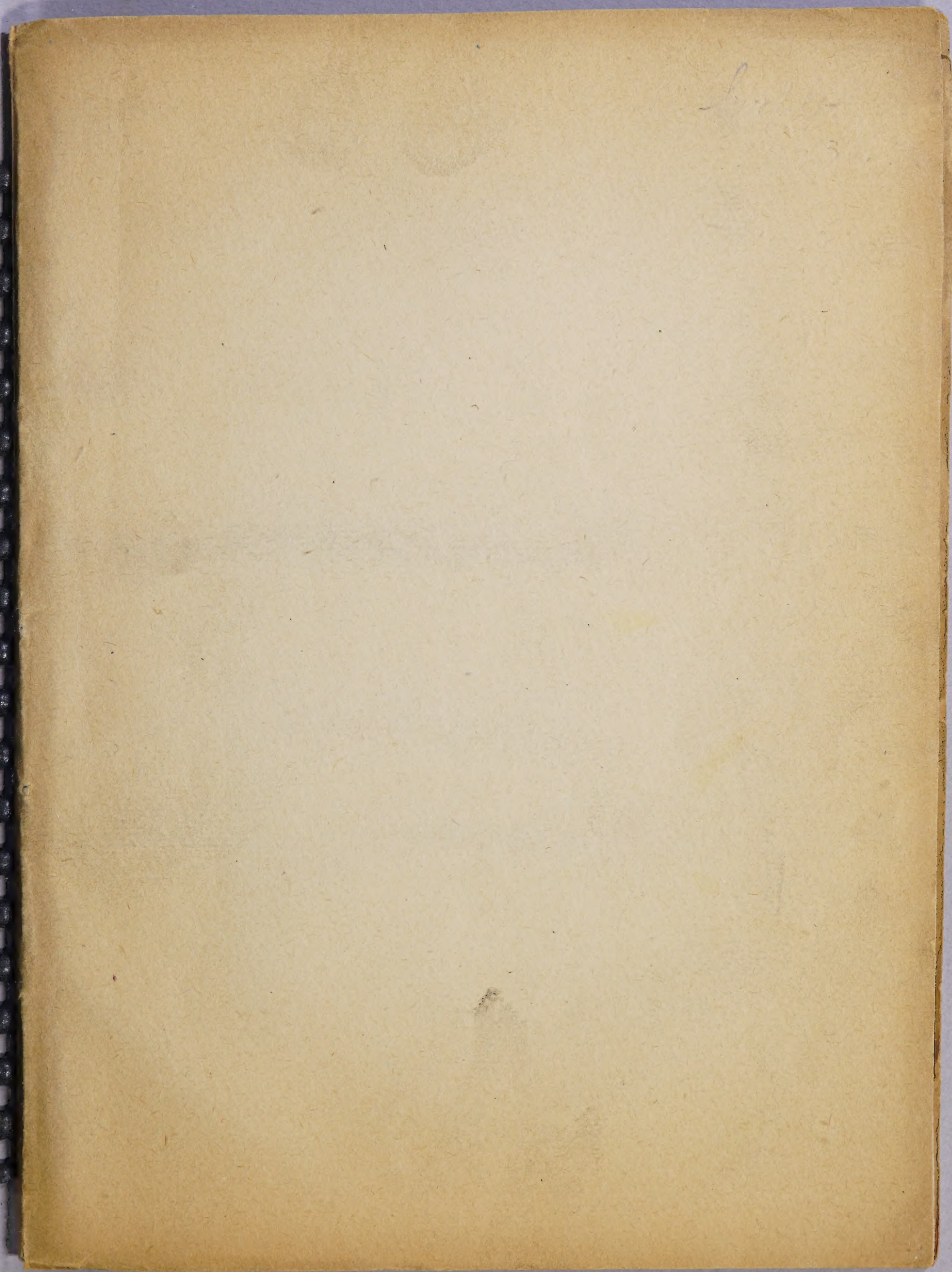
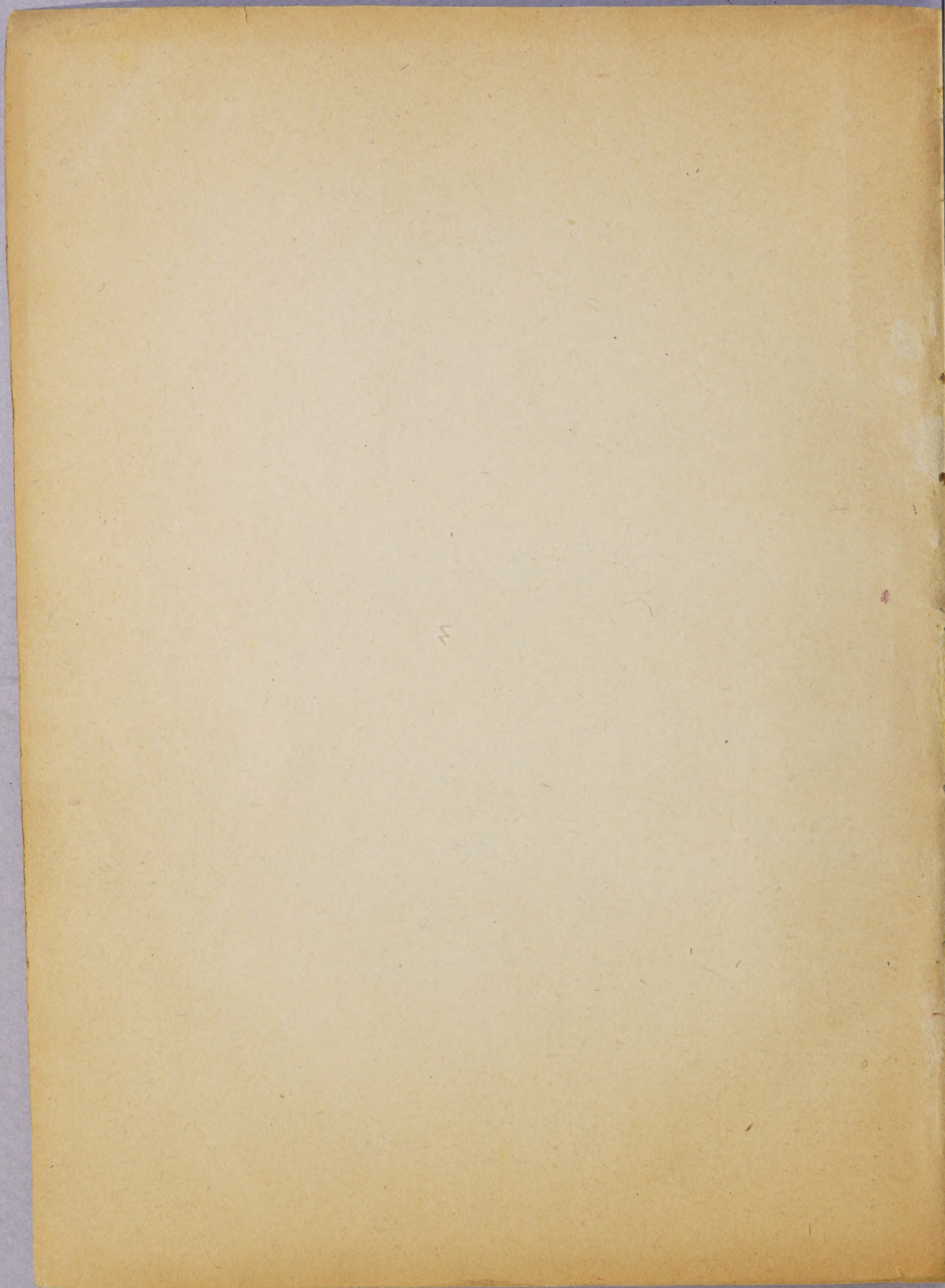






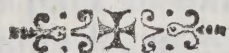
ORACÃO
FUNEBRE,
QUE NAS EXEQUIAS
DO ILLUSTR. E EXCELLENT. SENHOR
D. JAYME
DE MELLO,
TERCEIRO DUQUE DO CADAVAL;
Quinto Marquez de Ferreira, Sexto Conde de Tentugal, &c.
CELEBRADAS PELA VENERAVEL
ORDEM TERCEIRA
DA PENITENCIA,

*Na Igreja do Real Convento de S. Francisco da Cidade em 27
de Junho do anno de 1749.*

DISSE O M. R. P. MESTRE
FR. FRANCISCO XAVIER
DE SANTA THERESA

MENOR OBSERVANTE DA PROVINCIA DE PORTUGAL,
*Ex Leitor de Theologia, Examinador das Ordens Militares, e do Grande Priorado
do Crato, Prégador da Real Capella da Bemposta, Consultor da Bulla da
Cruzada, Academico do numero da Real Academia da Historia Portugue-
za, Ecclesiastica, e Secular, e da Arcadia em Roma, e Peniten-*
ciario Geral de toda a sua Ordem &c

DADA A' LUZ PELA MESA DA MESMA VEN. ORDEM.



L I S B O A :

Na Officina dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCC. XLIX.

Com todas as Licenças necessarias.

FOR THE
FEDERAL
GOVERNMENT
OF THE UNITED STATES
OF AMERICA

THE
FEDERAL
GOVERNMENT
OF THE UNITED STATES
OF AMERICA
DEPARTMENT OF THE INTERIOR
BUREAU OF LAND MANAGEMENT
WASHINGTON, D. C. 20250
OFFICE OF THE ASSISTANT SECRETARY
FOR LAND MANAGEMENT
1015 N. 17TH AVENUE, SUITE 100
DENVER, COLORADO 80202
TELEPHONE (303) 837-3800
FACSIMILE (303) 837-3801
TELETYPE (303) 837-3802
MAILING ADDRESS
P.O. BOX 168, BLDG. 100
DENVER, COLORADO 80202
FEDERAL GOVERNMENT
OF THE UNITED STATES
OF AMERICA

L I C E N C A S.

DO SANTO OFFICIO.

Approvação do M. R. P. Mestre Fr. Francisco de Santo Thomaz da Illustrissima Familia dos Pregadores, Qualificador, e Deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, &c.

EMIN. E REVER. SENHOR.

LI a Oração funebre, que a Veneravel ordem Terceira da Penitencia de meu Serafico Patriarca S. Francisco fez recitar pelo muito R. P. M. Fr. Francisco Xavier de Santa Theresa nas honras funeraes, que em justa recompensa do muito, que devia ao Illustrissimo, e Excellentissimo Duque de Cadaval D. Jayme de Mello, consagrou ás suas cinzas; e Li-a taõ subornado do affecto ao Author, que se a sua literatura não fora taõ manifesta, e o preceito de V. Eminencia não fora taõ poderoso, correria perigo a pureza do meu voto. Este affecto, Senhor, tem origem muito nobre; porque nasce daquella fraternidade, que entre mim, e o Author produzirão os habitos, que vestimos, e as leys, que professamos, e juntamente daquella força sympathica, com que os Varoens sábios atrahem os coraçoens até daquelles, que ainda q̃o não são, tem desejo de o ser; mas pouco importava, que fosse taõ bem nascido para se eximir do perigo, que sempre corre a vontade, tanto que se intromette no Officio do juizo, se o do Author não fosse taõ seguro, e maduro nos seus partos, e o preceito de V. Eminencia não fosse mais efficaz para condu-

zir em semelhantes exames ao ponto da verdade, que outro qualquer impulso para levar ao despe-
nhadeiro, e barranco do engano,

Supposto pois que a pureza do meu voto não corre perigo no soborno do meu intimo affecto, julgo, que a oração he dignissima do prelo; porque além de não conter cousa alguma contra a Fé, ou bõs costumes, he pia, douda, elegante, e ajustada em tudo á grandeza do assumpto. Creyo que algumas pennas mais se hiraõ empregando nelle; porque assim como a felicidade dos justos he seguirem-os as óbras para o premio das virtude; assim a fortuna dos Heroes he seguirem-os os escritos para a memoria dos homens, vindo a eximirse pelo privilegio do Heroismo, que conseguiraõ na vida, do fatal esquecimento, a que os condemna a sepultura na morte. Digaõ-o todos aquelles, vencedores da morte, ao passo que vencidos: se ella logrou os golpes da sua fouce, elles estaõ animando ainda hoje os eccos da sua fama; por industria dos que ambiciosos de darem alto assumpto ás suas pennas, tomaraõ por sua conta escreverlhes as proezas; mas se outros escritos, que depois deste aspirarem a eternizar o nome do Duque de Cadaval, lhe usurparem a gloria, e excellencia de unico, não lhe usurparáõ a de resumir em breves periodos para instrução, e estímulo da Nobreza Lusitana, hum grande numero de gloriosas acçoens, nas quaes sempre o sagrado se preferio ao profano, o Religioso ao Civil, o Christaõ ao Politico. Este he o meu parecer V. Eminencia mandará o que for servido. Lisboa, Convento de S. Domingos 11. de Setembro de 1749.

Frey Francisco de Santo Thomaz.

Vif-

Vista a informação, pôde imprimirse a Oração Funebre, que se apresenta, e depois de impressa tornará conferida, para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 12. de Setembro de 1749.

Fr. R. Lencastre. Trigoso.

DO ORDINARIO.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Joseph da Madrê de Deos Religioso da Sagrada Ordem Terceira de S. Francisco, Lente Jubilado em a Sagrada Theologia, Examinador das Tres Ordens Militares, e Synodal do Patriarcado, e Consultor da Bulla da Santa Cruzada, &c.

EX.^{mo} E REVER. SENHOR.

Via Oração funebre, que recitou o M. R. P. M. Fr. Francisco Xavier de Santa Theresa nas honras funeraes do Illustrissimo, e Excellentissimo Duque do Cadaval; e logo que no principio desta obra lê o nome do seu Author, fiquey persuadido, dee qu este feliz parto do seu grande engenho havia fer tão eloquente, e douto, como outros muitos, com q̃ no magisterio do Pulpito se tem qualificado (com grande admiração dos ouvintes) por hum Orador Doutissimo. Com toda a evidencia comprova esta verdade esta Oração funebre, em a qual se acha a erudição sagrada, e profana, o peso das sentenças, a formosura das frases, a propriedade das vozes, a subtiliza dos conceitos, e a elegancia dos discursos, com que o seu Author costuma formalisar os seus Sermoens, fazendo-se sempre digno de hum
apreço

apreço não vulgar; e] de huma geral approvação no conceito dos mais sabios, e versados Oradores; causa; porque não tem lugar nesta obra a censura: pois lhe não poderá descobrir defeito algum, nem ainda a mais escrupulosa critica. Nesta Oração seguiu o seu Author o dictame do grande Padre Santo Agostinho, o qual (doutrinando ao Orador Evangelico!) diz que deve ser eloquente nas palavras, para que as suas verdades agradem a todos, movão os corações dos ouvintes, e com a clareza de suas provas, e conceitos fiquem as mesmas verdades manifestas: *Eloquens in verbis suis agere debet, ut veritas placeat, veritas moveat, veritas pateat.* Tudo isto se acha nesta Oração felizmente executado; e por isso logo que a acabey de ler, entrey no prudente receyo de não poder igualar ao seu merecimento o meu louvor, lembrandome, de que em semelhante lance não faltaraõ os temores á eloquencia admiravel do grande Nazianzeno: *Vereor, ne juxta veritatem subsistam, & longe á rei dignitate remotus, laudatione mea gloriam ipsius imminuam.* Pelo que, e por outras muitas razoens, que por temer tenhaõ visos de lisonjas, deixo no silencio sepultadas, acho digna da mais honrosa approvação esta obra, a qual não contém cousa alguma contra as verdades Catholicas, bons costumes, e sentir dos Santos Padres. Este he o meu parecer, salvo, &c. Convento de N. Senhora de JESUS de Lisboa 27 de Setembro de 1749.

Fr. Joseph da Madre de Deos.

Vista a informação, póde-se imprimir a Oração funebre, de que trata a petição, e depois de impressa torne para se dar licença que corra, sem a qual não correrá, Lisboa 9. de Outubro de 1749.

D. J. A. D. L.

DO

DO PAÇO.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Joseph Manoel da Conceição, Religioso da Sagrada, e esclarecida Ordem Terceira da Penitencia, Lente que foy de Filosofia. e actual de Vespera na Sagrada Theologia, no seu Convento de Nossa Senhora de JESUS dos Cardeaes de Lisboa, e Consultor da Bulla da Santa Cruzada, &c.

S E N H O R.

ESta pathetica, e funebre Oração, que sagrada, e plausivelmente recitou o sempre famoso, e doutissimo P. M. Fr. Francisco Xavier de Santa Theresa nas posthumas honras, e funeraes exequias do Illustrissimo, e Excellentissimo Duque D. Jayme de Mello, Terceiro Duque de Cadaval, Quinto Marquez de Ferreira, e Sexto Conde de Tentugal, mudamente pede a V. Magestade licença, para que mais nas bocas da fama, do que nos obeliscos da urna, eternize as inimitaveis acçoens de hum Heroe, que foy animado colosso de toda a grandeza. Confesso, que he humildade a petição, parece-me modestia a supplica, e sem profanar os inviolaveis respeitos do seu magestoso sceptro, antes sim osculando sempre as ultimas fimbrias da sua regia purpura, digo, Senhor, que só he obsequio este rogo; porque as incomparaves estimaçoens, com que V. Magestade honrou em toda a sua vida ao Duque sepultado, decorosamente estão ainda hoje depois da morte convidando este Chronologico discurso para as fadigas do prélo. Só precisaõ de tão suprema faculdade escritos, em que se não firmaõ os interesses do trono; porém como o
de

de V. Magestade sempre se empenhou em fazer ao Duque grande; por isso lá de alguma sorte independe das resoluçoens do seu arbitrio óbra, que com os seus sabios elogios tanto desafia os agrados do seu gosto. Decrete pois V. Magestade com o seu respeitoso poder, que ainda as suas mudas vozes, com que pede, só sejam pythagoricos silencios, com que se calle. Determine, que não demande a sua publicidade, mas sim que execute logo a sua impressaõ. Ordene, que a impulso do seu designio só seja hum synonimo da sua vontade. E em fim mande de todo emmudecer ao seu pedir; porque a generosa liberalidade da sua incomprehensivel grandeza tanto tegue as honradas, e illustres cinzas do Illustriissimo, e Excellentissimo Duque, a quem a inexoravel Parca fechou para nossa saudade na sua funesta pyra, que ainda além depois da morte, sem elle supplicar, V. Magestade lhes sabe conceder.

Tanto pois como isto honra, aprecia, estima, e penhora V. Magestade aos seus nobilissimos, e fieis vassallos, merecendo sem duvida entre todos (não se resintaõ os mais, porque não merecem menos) tanto mais por certo este presadissimo titulo o Duque, que choramos defunto, que em quanto viveo, os Lusitanos pandonores desta gloria sempre á risca os observou a sincera lisura da sua honra. Sabia muito bem este prudentissimo Aulico, e circumspecto Heroe, (chora ó Portugal, porque se ainda hoje não enxugas as lagrimas pela falta do pay; testemunhas seraõ tambem os seculos dos teus suspiros na perda do filho) que andava a fidelidade engastada na alta coroa da sua soberana cabeça, e que o ser fidelissimo era tambem em V. Magestade nativa educaçaõ, e genial sympathia desde as

man;

mantilhas do berço; mas por isso mesmo feito o
 Duque Protheo do seu genio, irreprehensivel, por-
 que recto, fidelissimo foy na inalteravel justiça, que
 sempre administrou (para não macular a sua) na
 Mesa da Consciencia, aonde foy Presidente. Fa-
 zendo nos negocios politicos especialissimo estudo,
 foy hum dos mais fidelissimos Conselheiros de Es-
 tado. Com pacifico animo, e notavel synderesis,
 para nossa defenza, foy hum fidelissimo Conselheiro
 de Guerra. Dando sempre aos monstros da lisonja
 hum fatal corte, foy o mais fiel para continuamente
 pezar em huma mesma balança com as suas verda-
 des as politicas da Corte: E em fim para que de hu-
 ma vez diga tudo, foy o Illustrissimo, e Excellen-
 tissimo Duque D. Jayme de Mello tão fiel, que até
 V. Magestade, e a Rainha Nossa Senhora, o elege-
 raõ para seu Mordomo, e Estribeiro Mór. Grande
 Heroe na verdade! Sem duvida, que sendo Portu-
 gal hum reproduzido Israel, porque hum, e outro
 povo foy, e he de Deos querido, tambem o que lá
 em outro tempo disse o Rey dos Reys áquelle Dym-
 nastia em Israel, o póde V. Magestade sempre verifi-
 car do nosso Duque em Portugal: *Non invenitan-* Mat-
th. c.
8. v.
10.
tam fidem. Não por certo: em nenhum outro mais
 que no Illustrissimo, e Excellentissimo Duque; e
 tanto assim, que por ser este famosissimo Heroe: *Vere* Joan.
cap.
10. v.
47.
Israelita, in quo dolus non erat; por isso mesmo tam-
 bem sem offerecer idéas o hyperbole, nem empref-
 tar sinzeis a adulação, sobre esse duro, frio, avaro,
 e insensivel marmore, que nos esconde as faudosas
 reliquias dos seus preclarissimos óslos, em monu-
 mento de tão merecido credito, e para a sombra
 de todo o passado, e futuro heroismo, só se devia Apo-
caly-
ptie. c.
19. v.
11.
 ágora para sempre gravar este honroso Epitaphio;
Fidelis, & verax. Mereceo-o Attilio em carthago;

pois tenha-o tambem o nosso Duque sobre o seu tumulo; porque he sem duvida a sua verdade taõ digna dos bronzes da memoria, que se a Antiguidade lha invejou na vida, tambem a Posteridade lhe ha de levantar estatuas depois da morte.

Eternas por certo sedevem ás suas cinzas. Ainda digo mais: memoraveis ás suas prendas, e elevadas ás suas virtudes. Para credito destas bem quiseria eu agora neste conciso mappa fazer dellas hum breve cathalogo; porém como de todas os avultados progressos deixaraõ no Real Paço de V. Magestade bastantes vestigios, tambem julgo impertinente, e superflua a sua narraçaõ, pondo já os ólhos do meu aslombro neste eruditissimo elogio. Tive eu, Senhor, a dita de gostosamente ouvir os seus fecundos, e facundos periodos; porém com tanta inveja dos meus ólhos, que o que foy dos ouvidos delicioso gosto, interessavaõ tambem aquelles, que fosse seu admiravel objecto. Chegou pois em fim a lograr esta fortuna a sua cobiça; porque sem duvida só V. Magestade he que me podia fazer venturoso: venturoso sim; por ser esta a primeira vez, que me cõmette esta litteraria incumbencia: e venturoso tambem; porque com este seu real preceito fez V. Magestade que a minha ocular ambiçaõ alcançasse esta vangloria. A naõ ser vicio a jaçtancia, grande a póde ter o M. R. P. M. Fr Francisco Xavier de Santa Theresa; porque depois de ser entre as Musas do Parnaso Homero, tambem he entre os Ciceros do pulpito Oraculo. Diga o o conceituoso, e elegante da sua frase: basta; porque talento taõ precioso, se por mal pago se dá, tambem pouco dourado fica com os toscos encomios de hum entendimento, (como o meu) taõ rasteiro. Para aresto, pois, do meu sacrificio, appare só hoje a penna o
meu

meu respeito; porque he tão grande o com que sempre venerey ao Conspicuo Author deste Sermaõ, que a mesma eterna lembrança, e indelevel memoria, que elle vaticina ao Duque sepultado, prognostico eu já tambem a este seu elogio erudito: *Non recedet memoria ejus, & nomen ejus requiretur à generatione in generationem.* Este he pois o meu parecer: E não o suborna a fraternidade, abona-o sim o merecimento; porque he tão crescido, e avultado, o que diviso neste elegantissimo papel, que tanto que com palmo, e applauso o ouvi, logo disse comigo, que com letras de ouro o estava esperando a louvavel ambição do prelo. Para consecução deste merecido exito (sendo servido (conceda-lhe Vossa Magestade a licença, que pede, não só para a que o mundo todo politico saiba, quem foy o nosso Duque, mas tambem para que todo o Orbe litterario cada vez mais reconheça, quem he o seu Author. A minha sempre amada, e Veneravel Ordem Terceira sim conhecia já muy bem a sua sciencia; pois que só d'elle he que fiou esta nobilissima empreza, padraõ da sua memoria, fiscal da sua laudade, effeito do seu affecto, e feudo do seu agradecimento; porém para que Parto tão bem organizado se dê á publica luz de todo o mundo, por não encontrar as leys do Reyno (sendo do seu real agrado) a elle dêlhe V. Magestade a licença, que supplica, e a mim repetidos, e continuos preceitos, a que a minha perpetua escravidão, e lealdade obedeça. Convento de Nossa Senhora de JESUS de Lisboa aos 18 de Outubro de 1749.

Fr. Joseph Manoel da Conceição.

*Approvação do M. R. P. M. Pedro Correa da Congrega-
ção do Oratorio, Consultor da Bulla da Santa Cru-
zada, &c.*

S E N H O R.

POr mandado de V. Magestade vi o Sermaõ, que
prégou o P. M. Fr. Francisco Xavier de Santa
Theresa, esplendor da Serafica Religiaõ, na pompa
funeral, que a Veneravel Ordem Terceira consa-
grou ás saudosas memorias do Duque do Cadaval
D. Jaime de Mello, e sendo este grande Heroe hum
esclarecido fugeito da Republica Lusitana, bem he
que esta se lhe mostre grata, naõ deixando ficar se-
pultadas no esquecimento as suas generosas, e ca-
tholicas acçoens. Estas pondera o Orador com a
mayor viveza de engenho, e com expressoens da
Rhetorica mais bem praticada nas suas figuras, e cõ
a agudeza do seu discurso em tudo abundante de no-
ticias, e de Escrituras mais bem accõmodadas, e ter-
minantes. A' vista do que sou de parecer se lhe con-
ceda a licença que pede, e V. Magestade ordenará
o que for servido. Lisboa, Congregaçã do Ora-
torio. 22 de Outubro de 1749.

Pedro Correa.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do
Santo Officio, e Ordinario, e depois de im-
prello, e revisto pelo Revisor, tornará á Mesa pa-
ra sedar licença para que corra, e taxar, e sem
isso naõ correrá. Lisboa 27 de Outubro de 1749.

*Marquez. Vaz de Carvalho. Almeida Mourão.
D. D. Quintela.*

Nora



Non recedet memoria ejus, & nomen ejus requiratur á generatione in generationem.

Ex Eccles. Cap. 9.



M fim, Senhores, venceo a morte! Triunfou finalmente aquella tyranna, e implacavel inimiga de todos os mortaes, da mais illustre, da mais necessaria, e da mais preciosa vida, depois de hum horroroso, e obstinado combate de trinta e nove dias, no qual sendo a morte vencedora, foy a gloria do vencido; sendo da morte o triunfo, foraõ do morto os troféos; porque nem a morte com todo o seu absoluto dominio, nem o tempo com toda a sua insaciavel voracidade, nem o esquecimento com toda a sua escandalosa ingratitude, são capazes de sepultar a memoria do glorioso Heroe, que lamentamos defunto, e a quem a Veneravel Ordem Terceira da Penitencia consagra hoje estas honras funeraes em demonstraçaõ da sua dor, e da sua saudade; podendo dizer na perda de hum taõ digno, e amavel filho o mesmo, que dizia em outro caso semelhante aquella triste, e afflicta mãy, de quem falla Esdras no Cap. 10 do 4. livro das suas profecias

cias: *cum introisset filius meus in t'balamo suo, cecidit ; & mortuus est.*

Ah morte cruel, quem te abatera as forças! Ah morte inexoravel, quem te destruiu o imperio! Não te desvanças, oh soberba, e furiosa inimiga de todos os viventes, não te desvanças do triumpho, que alcançaste; porque se todos os que vivem, morrem; nem de todos os que morrem, morre a memoria: *non recedet memoria ejus.*

Huma das mais formidaveis maldiçoens do Deos de vinganças he dizer na Escriitura Sagrada, que ha de aniquilar até a mesma memoria dos reprobros, e ingratos aos soccorros das suas graças, e misericordias: *Disperest de terra memoria eorum.* Eu, diz Deos por boca de hum homem tão grande, e tão santo, como foy ElRey David, eu exterminarey da terra totalmente o nome, e a memoria do impio.

De sorte, que não só diz Deos, quando vê a sua Justiça offendida, e a sua Misericordia despresada, que hade abater a grandeza do impio, que ha de destruir todos os seus designios, que ha de humilhar todas as suas obras, e que ha de aniquilar todas as suas empresas, fenaõ, que tambem se ha de vingar na sua memoria, a qual por effeito da sua maldiçaõ se irá perdendo pouco a pouco, até que finalmente, e para sempre será sepultada no profundo, e tenebroso abyssmo de hum esquecimento eterno.

E pelo contrario, huma das Bençãos do Supremo, e Justo Juiz dos vivos, e dos mortos, e huma das promessas, que elle faz na mesma Escriitura Sagrada aos seus servos fieis, e zelosos do seu culto, e da sua honra, he que a sua memoria nunca

aca-

F U N E R E .

3

acabará, antes se conservará eternamente, transmittindo-se de seculo em seculo, e de geraçãõ em geraçãõ; e que preservada dos golpes inevitaveis, e leys severissimas da morte, achará nos espiritos, e coraçoens dos homens, huma milagrosa especie de immortalidade. *Non recedet memoria ejus, & nomen ejus requiratur á generatione in generationem.*

E quem duvida, que se hade verificar esta invariavel promessa de Deos na gloriosa memoria do Christianissimo Heroe, que faz hoje o assumpto desta religiosa acção? Em quanto houver mundo, e posteridade; e em quanto nos nossos altares se offerecer a Deos o sacrificio incruento do Cordeiro immaculado, não morrerá o nome, nem acabará a memoria de taõ magnanimo, e generoso Heroe. O seu nome será sempre ouvido com respeito, e a sua memoria sempre celebrada com ternura, com affecto, e com saudade. *Non recedet memoria ejus, & nomen ejus requiratur á generatione in generationem.*

Porque cuidais vós senhores, que a Veneravel Ordem Terceira da Penitencia obrigada do seu zelo, e movida da sua piedade, tributa estas honras funeraes á illustre alma de hum filho taõ benemerito deste obsequio, como das suas lagrimas, senão para lhe immortalizar o nome, e eternizar a memoria? Aquella pompa funesta, aquelle melancolico mausoléo, este silencio respeitoso, estas vozes tristes; em fim esta funebre cerimonia, authorisada pelo costume, e permittida pela Religiaõ desde o Oriente da Igreja, tudo isto nos está dizendo mudamente, que a memoria do inclito Heroe, que lamentamos morto, ha de ser eterna: *non recedet memoria ejus.*

Mas

Mas como não hade ser eterna a memoria de hum homem, a quem as suas innumeraveis virtudes felizmente elevarão ao grão eminente de hum Heroísmo Christão? De hum homem, que soube fazer-se heroicamente memoravel na vida, e heroicamente memoravel na morte. Heroicamente memoravel na vida, não só pelo seu alto nascimento, não só pelos seus honorificos empregos, não só pelos seus brilhantes titulos, senão também pela verdade, e zelo, com que sempre servio aos seus Principes; pela affabilidade, e doçura, com que sempre tratou ao seu proximo, e pela piedade, e misericordia, com que sempre socorreo os pobres. Heroicamente memoravel na morte, e mayor, que si mesmo na vida, pela paciencia, com que soffreo os tormentos da sua enfermidade, pela fé, e humiliação, com que recebeu os Santos Sacramentos da Igreja, e pela conformidade Christã, com que se fugeitou ás disposições, e vontade do seu Creador.

E não são todas estas virtudes naturaes, e Christãs dignas de eterna memoria, e de hum louvor interminavel? Sim por certo, e assim o persuade o Author do Ecclesiastico nas palavras do meu Texto: *Non recedet memoria ejus, & nomen ejus requiretur á generatione in generationem.*

Todas estas eminentes qualidades farão hoje o argumento da Oração Funebre, que a Veneravel Ordem Terceira da Penitencia por hum interprete da sua dor tão indigno, como eu, mas tão sentido como ella, consagra faudosa, e magoada ao merecimento incomparavel, á triunfante memoria do muito illustre, e muito Excellente Senhor D. Jayme de Mello, terceiro Duque do Cadaval, quinto

F U N E B R E.

5

quinto Marquez de Ferreira , sexto Conde de Tentugal , Senhor das villas de Buarcos , vila Alva , Mortagoa , Pena Cova , Arega , Alvayazere , e quatorze mais , que não repito , por não molestar aos meus ouvintes , que fazem todas o numero de vinte ; Alcaide mór das villas , e Castellos de Olivença , e Alvor , Cômendador das Cômendas de Santo Ifidoro da vila do Eixo , de Santo André de Moraes , de S. Maria do Marmeleiro , de S. Mattheus do Sardoal da Ordem de Christo , da Grandola na Ordem de Santiago , de Noudar na Ordem de Avís. Presidente da Mesa da Consciencia , Conselheiro de Estado , e Guerra , Mordo-mór da Rainha Nossa Senhora , e Estribeiro mór de Sua Magestade Fidelissima , que Deos guarde.

Não determino neste elogio profanar a santidade do meu ministerio com avileza da adulação ; e já que a Veneravel Ordem Terceira da Penitencia neste dia me confiou o Turibulo para incensar o defunto , do mesmo altar do Deos vivo tomarey o incenso para perfumar o Tumulo. Comecemos.

I. P A R T E.

O Carácter mais proprio da magnanimidade de huma alma illustre , e o final mais infallivel da grandeza de hum espirito não vulgar , he o amor da verdade: He o amor no nosso entendimento o remedio de todos os erros ; no nosso coração he o temperamento de todas as nossas paixões ; na nossa vontade he a regra dos nossos costumes ; e na vida civil he o vinculo mais forte para segurança da sociedade racional. Este amor da verdade , faz o homem totalmente incapaz , tanto de en-

c

ganar

ganar, como de ser enganado; e esta he aquella eminente virtude, que Salamaõ preferio ao dominio dos Imperios, á abundancia das riquezas, e a todas as felicidades, e grandezas humanas.

No Duque D. Jayme foy esta amabilissima virtude o primeiro dote, ou o primeiro presente da natureza. Foy como hũa especie de graça da segunda Ordem, q̃ o Espirito de Deos faz servir, quando elle quer, áquella graça Divina, q̃ distingue o Christaõ do homem, e q̃ separa, e tira o homem de si mesmo, para o dar to do, e inteiramente ao seu Creador.

Para este ditoso fim quiz o Ceo, que nascesse o Duque no seyo da verdade, a qual estabeleceo o seu poderoso, e suavissimo imperio no seu docil, e sincero coração, desde os primeiros annos da sua venturosa intelligente idade. O amor, que o Duque professava á verdade, o fazia aborrecer, e detestar todas as simulaçoens, e artíficios da mentira. Todos os seus sentimentos eraõ governados pelas luzes da boa razãõ, e dirigidos pelas inspiraçoens da prudencia. Nunca prometteo cousa, que não cumprisse. Nunca se lhe ouvio palavra contra o dictame do seu claro, e penetrante entendimento; e servindo toda a sua vida no Paço, aonde por desgraça dos Reys sempre sabe introduzir-se a lisonja, nunca se prostituhio a tão infame, e abominavel vicio: e porque sabia, que quanto mayor he a pessoa, tanto mais obrigada está a ser sincera, e fiel no trato civil dos homens, não estimava outra sciencia, nem se prevavia de outras liçoens, tenaõ das que tinha aprendido com grande estudo, e pratica na escola da sinceridade. Era obrigante no modo, infallivel nas promessas, invariavel nas resoluçoens, e sabio nos conselhos, por força dos
quaes

quaes triunfou muitas vezes da imprudencia , e obstinação , seguro sempre da sua grandeza , da sua honra , da sua consciencia , e da sua authoridade.

Desta verdade se acompanhava o grande zelo do Duque no serviço dos seus Principes , os quaes sempre o honraraõ , e favoreceraõ com a sua graça , com a sua confiança , e com a sua real attenção , preferindo-o justamente para o agrado , e estimação , em todas as occasioens , ou fossem publicas , ou particulares , a todos os seus iguaes , e distinguindo-o pelo seu merecimento , e serviços , tanto nos despachos , que teve , como nos officios , que occupou. A honra , e o zelo persuadiaõ ao Duque , que depois de Deos , ninguem estava primeiro para o respeito , e obediencia , que o seu Rey , a quem não só pelas Leys de vassallo , senaõ tambem pela sua real preheminencia , elle se considerava obrigado a respeitar , e servir , como a hum Substituto , e Ministro do mesmo Deos na terra ; e prevenido deste honrado , e fervoroso zelo , sempre servio aos seus Principes em todos os empregos , que teve , assim no Paço , como fóra d'elle , não por algum interesse politico , senaõ por huma fidelidade natural , daqual elle se presava muito de ser exemplo , e exemplar.

Que zelo senaõ observou sempre no Duque nas enfermidades , ainda as mais leves , dos Principes seus Amos , e seus Senhores ? Amava tanto a gloria dos seus Soberanos , que preferia os interesses da sua real conservação aos da sua propria saude ; não duvidando perder o descanso , e ainda sacrificar até a propria vida , para os servir com zelo , e com amor de bom , e fiel criado , com cuidado , e vigilancia de bom , e caritativo enfermeiro.

Nunca mais eloquente, nem mais animado, nunca mais firme, nem mais inflexivel, que nas occasioens, em que era necessario fazer executar as reaes ordens, que se lhe participavaõ da Corté. Nenhum homem teve tanto imperio nos espiritos daquelles, que estavaõ debaixo da sua jurisdicão, para lhes imprimir, e inspirar a obediencia devida a ElRey, e a toda a sua real familia, e casa: e tudo isto fazia o Duque com tanta doçura, e affabilidade, que ainda aquelles mesmos, a quem castigava por negligentes na observancia das suas obrigaçoens, choraõ hoje inconsolavelmente pelo seu Estribeiro mór.

Esta affabilidade de que foy adornada a sua grande alma, lhe conciliou muitos amigos, com os quaes todos concorria sem elevaçãõ, nem soberba. Era para todos affavel com dignidade, benevolo sem baixeza, e docil sem ignorancia. Nem o tempo, nem a ausencia puderaõ já mais debilitar as forças da amisade, e fé, que huma vez professára ás pessoas de graduaçãõ, de qualidade, e de merecimento. Nos agravos era delicado em sentilos: mas facil em perdoalos. Pezava os espiritos, e talentos dos homens, com quem familiarmente tratava, e dava a cada hum o preço, o lugar, e a estimaçãõ, que mereciaõ as suas virtudes; interessando-se sempre com empenho, e efficacia, em todas as suas dependencias, e em todas as occasioens, ou fossem de gosto, ou de pena, sempre o Duque era o primeiro nas suas publicas demonstraçoens: como quem muito bem sabia, que a benevolencia, e affabilidade nas personagens da sua esfêra, e do seu nascimento, saõ attributos, e noçoens, inseparaveis da bondade, e da grandeza.

Para

F U N E B R E.

9

Para os seus domesticos era pay, e pay digno deste nome. As geraçoens, e familias, se perpetuavaõ em sua casa, não estimando, nem querendo outra herança, nem outra conveniencia, que a sua protecção, e a honra de servilo. Para cada hum procurava a fortuna, que lhe julgava mais propria. O numero dos seus domesticos era grande; mas ainda q grande para a despeza, o não era para a sua generosidade. Muito bem conhecia o Duque, que não necessitava de tão numerosa Corte; mas ao mesmo tempo via, que toda aquella Corte tão numerosa necessitava delle; e por isso a conservava, menos para servir de esplendor á sua grandeza, que de materia á sua liberalidade, e natural beneficencia

Deste mesmo principio nascia o amor, que o Duque conservava aos pobres. A Sagrada Escriçura, e muitos Santos Padres chamaõ á esmola justiça, e não faltou quem dissesse, que pela esmola se corrompia, e sobornava o independente de todas as creaturas, e Senhor de todos os bens da terra. O Auctor do Ecclesiastico chama divida, ao que nós chamamos dadiva: *Redde debitum tuum*; e acrescenta, que a medida da misericordia, que esperamos de Deos, he a misericordia, que fizermos, e exercitarmos com os homens: *Illi viri misericordiæ sunt, quorum pietates non defuerunt.* Eccl.

Penetrado desta verdade o Illustrissimo, e Excellentissimo Duque do Cadaval, distribuia, e repartia abundantemente por toda a sorte de necessitados os repetidos soccorros da sua magnifica caridade. Não esperou pela hora da morte para consagrar a JESU Christo huma parte das suas riquezas. Sabia, que a esmola retardada, segundo os Santos Padres da Igreja, tem mais de avareza, que de piedade

dade. Sabia que o superfluo do rico he o patrimonio do pobre. Sabia que a esmola he remedio do peccado, e disposiçaõ para a graça. Sabia que pela esmola se constitue Deos devedor do homem; e como tudo isto sabia, soube tambem fazer, e ajuntar na vida hum thesouro de obras pias, para o acompanhar, e seguir depois da morte na jornada da celestial Jerusaleem: *Opera enim illorum sequuntur illos.*

Apoc.

14.

Day-me licença, alma illustre, e alma predestinada, day-me licença, para revelar aos meus ouvin-tes alguns segredos da vossa religiosa, e inimitavel piedade. Aos filhos de meu Padre S. Francisco, e particularmente aos reformados da Provincia de Santa Maria da Arrabida, aos da Provincia da Soledade, e da Piedade, para residencia dos quaes se conferya dentro do seu proprio palacio hum Religioso Hospicio, assistido de tudo o necessario para a sua subsistencia nesta Corte; e a outras muitas Comunidades pobres soccorria o Duque taõ pia, e generosamente, que só as esmolas de trigo chegavaõ muitos annos a oitenta moyos, e as de cêra para os sepulchros a quatro centos mil reis; e todas estas esmolas deixou o Duque muito recõmendadas á Duqueza sua esposa na hora da morte.

Aos prisioneiros dos navios de Castela, que os Inglezes tomavaõ, e lançavaõ na praya de Pedrouços, mandava o Duque dar de comer com abundancia, distinguindo os officiaes, dos que o naõ eraõ; e algumas vezes passáraõ de trezentas pessoas as soccorridas, sem outro fim, nem outro interelle, que seguir a maxima do Evangelho, que manda dar de comer a quem tem fome, e de beber a quem tem sede. Estando de jornada para Tentugal na occasiã do seu casamento, para o qual havia pedido al-
gum

gum dinheiro a juro, mandou liberalmente dar hum conto de reis a hum homem, de quem era amigo, para o livrar de huma vexação, que lhe faziaõ os seus credores.

Sendo Presidente da Mesa da consciencia, aonde servio vinte hum annos com inteireza, authoridade, e vigilancia, em fim cheyo sempre de justiça, e de temor de Deos, succedeo morrer hum Ministro daquelle tribunal, taõ pobre, que sua mulher não tinha, com que lhe fazer o seu funeral; e recorrendo á Mesa por huma petição, para lhe darem huma esmola, não foy deferida: o que vendo o Duque, a mandou logo soccorrer com mão larga, e depois lhe ficou fazendo várias esmolas, em quanto viveo.

Encontrando em certa occasião hum entrévado ás portas do Sol, o mandou logo buscar para sua casa, aonde foy assistido com todo o necessario até morrer. De sorte, que não se contentava o Duque de ver os pobres á sua porta, hia buscalos a sua casa, como fazia o Patriarca Abrahaõ no valle de Alabrê, para os soccorrer, e remediar: não se contentava de meter as suas esmolas no seyo dos pobres, metia os mesmos pobres no seu seyo; e assim estavaõ os pobres no seyo do Duque, como no seyo de Abrahaõ.

E que direy da sua Religiosa piedade para com Deos, e a sua Igreja? Direy, que em quanto viveo, foy Juiz perpetuo da Irmandade do Sãtissimo Sacramento da sua Freguezia de Santa Justa. Foy por varias vezes Provedor da Irmandade do Senhor dos Passos da Graça. Foy Prior da Ordem Terceira de N. Senhora do Monte do Carmo, de quem foy extremosamente devoto, e de todos os seus Religiosos

fi-

filhos, devoção herdada, e participada do sangue, que lhe corria pelas veias do grande Condestavel, e Conde D. Nuno Alvares Pereira. Foy tres vezes Ministro, e enfermeiro mór perpetuo da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de meu Serafico Patriarca S. Francisco, aonde sempre servio, e assistio com muito zelo, e edificação de toda a sua Ordem, dando nas visitas de seus irmãos pobres larguissimas esmolas da sua bolça. Na veneração aos Ministros, e Tribunal do Santo Officio, não cedeo o Duque D. Jayme ao Duque D. Nuno seu pay. A todos os Sacerdotes, e Religiosos de qualquer Ordem, ou Instituto, que fossem, e muito particularmente aos de N. Senhora do Carmo, aos de São Caetano, aos de Santo Ignacio de Loyola, e aos de meu Padre S. Francisco, amava com extremos de filho, e respeitava com obediencia de subdito: e não professando de cada hum o habito, a todos professava amor, e conservava respeito, como a ungidos do Senhor.

Mas para que me canso em repetir aos meus ouvintes aquillo mesmo, de que elles são incontestaveis testemunhas. A historia, e a posteridade nos seus monumentos, e escritos, com mais elegancia, e com mais adórnos da eloquencia profana dirão, quem foy o Duque na vida, que a mim por hora só metoca, como Orador Ecclesiastico, annunciar ao meu auditorio para sua instrucção, e como interprete da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, quem foy o Duque na morte.

II. P A R T E.

FOy o Illustrissimo, e Excellentissimo Duque do Cadaval, a quem não haõde mais ver os nossos
olhos,

ólhos, ainda que eternamente chorem a sua sensível separação, heroicamente memoravel na morte, e ainda mais heroicamente memoravel na morte, que na vida, pela paciencia Christãa, com que soffreo as dores, e tormentos da sua cruel enfermidade por espaço de trinta e nove dias, sem que o rigor das penas, que lhe combatiaõ o espirito, sem que o martyrio dos golpes, que lhe feriaõ o corpo, pudessem alterar a sua constancia, a sua paciencia, e a sua tranquillidade heroica.

Em vinte de Abril enfermou o Duque, e logo conheceo que era mortal aquella enfermidade, tanto pelo dictame da consciencia como pela variedade, e confusão dos syntomas: *Decidit in lectum, & cognovit, quia moreretur.* Applicaraõ-se-lhe todos os remedios daquella eminente arte, ou milagrosa sciencia, que o Altissimo mandou do Ceo á terra, e que o homem prudente, e Christaõ, não deve desprezar, nem aborrecer. Mas como Deos queria a alma do Duque para si, suspendeo por entaõ as suas benções, sem as quaes nenhum remedio da Medicina he util para a conservação da vida do homem; e assim por espaço de trinta e nove dias esteve o Duque crucificado na cruz da mais sensível enfermidade, ainda que pelos soccorros da graça sempre constante, e quasi sempre impassível ás violencias do mal.

Santo Agostinho diz, que a morte, e as enfermidades, que lhe precedem, trazem a sua origem do peccado do primeiro homem, e que são huns penosos effeitos, a que a Justiça de Deos em vingança, e castigo do mesmo peccado, condemnou a todos os viventes. Se Adão conservasse a innocencia, em que foy creado, nunca haveria morte, nem enfermidades no mundo; mas como este ingrato ho-

mem se separou de Deos, que he a mesma vida por essencia, era justo, que tambem a alma se separasse do corpo, e que tanto elle, como todos os seus filhos ficassem fugeitos ao imperio da morte, e a todas as dolorosas penalidades, de que ella ordinariamente se acompanha, em castigo da sua desobediencia, e em pena da sua ingratitude.

Porém se estas penas, accrescenta o mesmo Santo Padre, se sofrem com espirito de paciencia, de piedade, de justiça, e se aceitaõ como penitencia das culpas, passaõ por huma dispensação da Divina misericordia de castigo a satisfação; e pelo espirito de paciencia, com que estas penas, ou penalidades se sofrem, merece, e alcança o peccador hum perdaõ geral de todas as suas desordens: *Cum sit mors retributio peccati, aliquando impetrat, ut nihil retribuatur peccato. Piè, fideliterque tolerando, auget meritum patientie, non aufert vocabulum pænæ.*

S.
Aug.
de Ci-
vit.

O Duque, como predestinado para a gloria, recebeu da mão do Omnipotente a sua dolorosa enfermidade, animado de hũ heroico espirito de penitencia; porque a recebeu não só com paciencia, e constancia de hum primitivo Christão, senão tambem com valor, e alegria de hum triunfante martyr, para satisfazer por este modo á Divina Justiça pelos seus peccados. E desejando merecer pela paciencia de tão crueis, e penetrantes dores a gloria de imitar a JESU Christo na sua Cruz, lhe sacrificou penitente sangue por sangue, dor por dor, e pena por pena na sua sensivel, e dolorosa enfermidade. Reconhecia o Duque, que a misericordia de Deos lhe dava, e lhe offerencia naquella mortal doença, huma occasião segura de penitencia, de mortificação, de cruz, e de satisfação, para se reconciliar com elle; e este re-

conhecimento o esforçava, e obrigava a offerecer ao seu Redemptor com a mais profunda humildade todas as dores, e tribulaçoens, que padecia, para purificar a sua alma por meyo de hum sacrificio voluntario, e o mais agradavel aos seus Divinos ólhos.

Quando o ferro, e o fogo lhe atormentavaõ o corpo, como ultimos remedios, que se lhe applicavaõ para a conservaçãõ da sua vida, exclamava o Duque dizendo: Deos, e Senhor da minha alma, castigai-me, e affligime embora neste mundo, e nesta enfermidade, para que me não castigue, nem afflija no outro a vossa Justiça, e a vossa vingança. Fazey, Senhor, em mim o que quizeres pela vossa misericordia, e não o que eu quizer pela minha vontade perversa, e deregrada. Só vós, dulcissimo JESU, sabeis o q̃ me he necessario, purificay o meu coração com todos os seus affectos, e a minha alma com todas as suas paixoens neste trabalho, em q̃ me vejo; e ainda que o meu mal me atormenta com tanto rigor, e severidade, tudo quero padecer por vós: cortay, Senhor, neste miseravel corpo do peccado, que já vay caminhando para a terra da sepultura, tudo o que for malicia, vaidade, e corrupçãõ, para que eu possa entrar no numero dos vossos escolhidos, e apparecer na vossa presença ao pé do vosso Throno, revestido da estóla candida da vossa graça.

Este espirito de penitencia, este sacrificio voluntario, esta paciencia christãa, e esta fidelidade heroica para com Deos, ao mesmo tempo, que lhe augmentavaõ o merecimento, lhe suavizavaõ as penas; e assim esteve o Duque em todo o tempo da sua enfermidade sempre fiel, e constante, como Job; sempre firme, e imperturbavel, como Paulo: *Sit nomen Domini benedictum.... Libenter gloriaber in infir*

Job. i.
1. d.

21.

2. Cor

12. c.

9.

mi-

mitatibus meis, ut inhabitet in me virtus Christi,

Vinhase a visinhando a morte, e vendo-a o Duque já muito perto do seu leito, e já quasi á sua cabeceira, armou-se, e revestiose de huma fê taõ viva, e de hum valor taõ heroicamente Christaõ, que a todos os que lhe assistiaõ, naõ só admirou, mas confundio. Pedio logo os Santos Sacramentos da Igreja, veyo o seu Confessor, e depois de fazer o Duque huma exactissima discussaõ de todos os seus peccados, e huma geral abdicacaõ de todas as grandezas, e bens da terra, se apresentou a Deos com edificante humiliaçaõ no Tribunal da Penitencia, e isto fez naõ só huma, mas muitas vezes; e sempre com taes disposicoens, como quem se confessava para morrer.

Recebeo, e cõmungou tres vezes com o devido discernimento o paõ dos Anjos, da virtude do qual participou huma resignacaõ perfeita, e huma fortaleza inalteravel nas affligoens, e tribulaçoens, em que se via o seu espirito: recebeo a Extrema-Unçaõ para o fortificar, e consolar nas agonias da morte, e para o animar no ultimo combate contra as tentaçoens do demonio: recebeo as absolviçoens de todos os seus Cõmissarios, e ultimamente a do Santissimo Padre, e Pastor Supremo da Igreja Universal, com profunda reverencia, e muitos actos de amor de Deos: advertio a todos os Sacerdotes, que por muitos dias se naõ apartáraõ da sua camara, que nem hum só instante o desamparassem, e o ajudassem com as suas oraçoens a pedir ao Primogenito dos mortos huma boa hora de morrer. Temeo o Duque a morte, como fragil peccador; mas ao mesmo tempo a esperou, e recebeo com grande tranquillidade, e paz de espirito, e sem outra emoçaõ interior,

terior, que aquella, que costuma fuscitar em todos os viventes racionais o temor natural dos formidaveis juizos de Deos. *Spiritu magno vidit ultima*. Antes de lhe declararem o perigo, elle o havia sentido, e prevenido, tanto pelas disposições, e preparações da sua consciencia, como pela attricção, e contricção de todos os seus erros. O seu coração já separado da terra por huma renuncia universal de tudo, o que era da terra, não esperava, nem aspirava a outros gostos, nem a outras consolações que ás do Ceo. Insensível a seus proprios males, indifferente aos remedios da Medicina, só confiava no patrocínio do Soberano Medico da sua alma, e naquellas misericordias, que elle costuma exercitar com todos os contritos, e verdadeiramente arrependidos; e ao mesmo tempo, q̃ a sua familia, e quasi toda a Corte fazia préces, e votos pela sua saude, elle os fazia pela sua salvação.

Chegou em fim a morte, e he tambem já chegado o tempo de admirarmos a conformidade, com que o Duque, depois de viver sessenta e cinco annos no seyo da gloria, da grandeza, da abundancia, e da liberdade, se rendeo, e fugeitou humildemente resignado ás disposições, e vontade do seu Creador. Fortificada a sua innocente alma da virtude, e graça dos Sacramentos, que havia recebido, toma huma véla aceza na mão, abraça-se com huma devota Imagem de JESU Christo Crucificado, pede que lhe recitem as Orações prescritas, e instituidas pela Igreja para suffragio dos moribundos, e recolhendo em si todas as forças do seu espirito, diz a Deos: Senhor, aqui me tendes' prompto, conforme, humilde, e obediente, para fazer a vossa vontade. Temo os meus peccados, confunde-me a lembrança das minhas desordens, argueme, e accusame a vida passada

Ec-
cl.
48. d.
27.

da, e já começo a sentir o pezo da vossa Justiça; mas confio, e espero, Deos da minha salvação, q̃ as vossas misericordias me não haõ de desamparar nesta terrivel hora. Fazey em mim Clementissimo Senhor, o q̃ fizestes com Paulo, com David, com a Magdalena. Ostentay nesta miseravel creatura o poder, e efficacia da vossa incomparavel clemencia.

Agora, Senhor, que todas as forças do corpo, e do espirito me vão faltando, não prevaleça a vossa ira, e a vossa vingança, contra a vossa bondade, e cõ-miseração; agora que estou no ultimo momento da vida tocando já com os pés na terra da sepultura, sustenteme a vossa graça, salveme a vossa misericordia, lançay-me a vossa benção, e recebey esta alma, q̃ formou, e creou a vossa Omnipotente palavra á vossa Imagem, e semelhança. Eu a ponho, Senhor, nas vossas mãos, eu a entrego á vossa Justiça: *In manus tuas Domine cõmendo spiritum meum*. Com estas ultimas palavras na boca, nascidas do intimo do seu coração contrito, e penitente, entregou o Duque a sua alma nas mãos do seu Creador, em vinte e nove de Mayo, pelas nove horas da manhã, com universal saudade, e enternecidas lagrimas de todos, os que desejavaõ a sua faude, e se interessavaõ na conservação da sua importante, e preciosa vida.

Luc.
22. f.
46.

Ditofo, e alegre dia para o Duque! Triste, e funesto dia para nós! Mas que digo? A morte, e perda do Duque, só seria funesta, e inconsolavel para nós, senão souberamos, q̃ morreo, como morrem os justos, e predestinados. Tudo perdeu o Duque naquelle ultimo momento, em que a alma se separou do corpo: perdeu o nascimento, perdeu a grandeza, perdeu as dignidades, perdeu os titulos, perdeu as riquezas, perdeu os lugares, perdeu os amigos, perdeu

deo os filhos, perdeu a esposa; mas não perdeu a fé das misericórdias de Deos, nem a esperança de resuscitar com JESU Christo no Reyno da Luz

Grandes da terra, aprendey da morte do Duque a morrer bem, e sabey que só pela fé se triunfa do mundo, e de todas as suas vaidades: *Hæc est victória*, ^{1. Jo-}
que vincit mundum, fides nostra. Huma morte tão ^{an. 5.}
Christãa, e tão edificante, deve de ser de hoje por ^{a 4.}
diante o assumpto frequente das vossas sinceras reflexoens. A este santo, e louvavel exercicio vos está exhortando mais eloquentemente, que os Ambrosios, que os Agostinhos, que os Cyprianos, aquelle horroroso espectaculo, aquelle aparato funebre, aquella triste cerimonia, mostrando-nos aos ólhos, que todas as grandezas temporaes alli se perdem, alli se abatem, alli se humilhaõ, alli se aniquilaõ, e finalmente alli se reduzem a pó, e cinza, pela sua fragilidade, e insubsistencia. Que mayor auxilio para o vosso desengano senhores! Que mayor desengano para a vossa vaidade! Que mayor despertador para a vossa tibieza, e indiscupavel indolencia!

Venturoso o Duque, de quem a memoria ha de ser eterna, e eternamente triunfante do tempo, da enveja, do esquecimento, e da morte; porque soube fazer das suas virtudes huma escada mystica, para por ella sobir a sua alma aos Tabernaculos do Senhor; ficando nos sómente cá na terra as suas cinzas para nossa confusaõ, e aquelle triste Epitafio, q̃ admiramos naquelle tumulo, e que a Veneravel Ordem Terceira da Penitencia hoje consagra ao Redemptor do Mundo, em argumento, e prova da sua faudade, como mãy sempre pia, e sempre interessada na gloria, e honra de todos os seus illustres, e benemeritos filhos.

20 O R A C, A M F U N E B R E.

C H R I S T O S E R V A T O R I.

S.

*Famius hic situs est, cujus memorabile nomen.**Nunquam delebit mors, neque tempus edax.*

Deos grande, Deos benigno, Deos de virtudes, mereção os nossos votos, offerecidos hoje neste Sagrado Templo pela laude eterna do Illustrissimo, e Excellentissimo Duque do Cadaval, ser presentados pelas mãos dos vossos Santos Anjos no luminoso Throno da vossa gloria. Fazey, que o Augusto, e adoravel Sacrificio, que agora te vos offereceo naquelle Altar, seja para elle huma Hostia de Propiciação. Pelos infinitos merecimentos da Viçtima, que he o vosso Cordeiro Immaculado, perdoay-lhe Senhor, algumas, faltas, que elle tenha tal-vez ainda que pagar, e que satisfazer na outra vida, para que a sua innocente alma ardendo só no fogo do vosso amor, purificada de toda a macula, e revestida de JESU Christo, digna em fim de vos ver, de vos possuir, e de ser recebida no Santuario da vossa Triunfante Igreja, com exultação de todos os Santos, goze para sempre em vós daquella vida bemaventurada, com que a vossa bondade, e justiça costuma coroar, e remunerar as virtudes, e merecimentos dos Justos, e Predestinados no Reyno da Paz.

Et requiescat in pace.

800

(90)

CCC(BORBA II, 778)
AD 7/24/92

4/00